Universidade Católica de Brasília

Pró-Reitoria de Graduação
Curso Educação Física

MOTIVAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Autor: Raimundo Francisco Viana Moraes
Orientador: Luís Antônio Vitelli Peixoto

BRASÍLIA - DF
2013

RAIMUNDO FRANCISCO VIANA MORAES

MOTIVAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Artigo apresentado ao curso de graduação em Educação Física da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Educação Física sob a orientação do Professor: Rafael da Costa Sotero.

BRASÍLIA DF
2013

RAIMUNDO FRANCISCO VIANA MORAES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado em quatro de dezembro de dois mil e treze pela banca examinadora constituída pelos professores:

_____

Professor Orientador: Luís Antônio Vitelli Peixoto

_____

Prof. MSc Carlos Ernesto Ferreira

Este trabalho é dedicado a Deus, que é supremo em tudo em minha vida. Aos meus pais pela graça da vida e amor que dedicaram a mim, por terem me mostrado que não há vitória sem lutas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus, por chegar ao fim de mais uma jornada e por acreditar que nossa existência pressupõe outra infinitamente superior.

Aos meus pais que sempre me auxiliam em todas as áreas de minha vida.

Aos mestres por instruírem-me com sabedoria, amizade e cumplicidade.

Agradeço a toda minha família pelo apoio durante essa caminhada

Aos amigos pela contribuição direta ou indireta na elaboração deste trabalho e pela amizade dedicada.

RESUMO

Existe entre os educadores, relativo consenso de que o principal problema de aprendizagem dos alunos nas aulas de educação física é a falta de interesse. Assim, este trabalho, faz uma abordagem do tema motivação que, segundo a revisão da literatura, tem sido considerado um dos mais relevantes problemas para o sucesso acadêmico dos alunos. Atualmente as escolas têm presenciado grande desinteresse dos educandos pelos estudos da disciplina, e pela própria escola, sobretudo, pela aprendizagem. Dentro desse contexto, este estudo tem como objetivo identificar os principais motivos que levam os alunos a perderem o interesse pelas aulas de educação física, buscando identificar alternativas a serem utilizadas pelos atores do processo ensino aprendizagem, no sentido de motivá-los.

Palavras-Chave: Motivação; Aprendizagem, Desmotivação, Agentes motivadores.

ABSTRACT

Exists among educators concerning consensus that the main problem of student learning in school is lack of interest. Thus, this work presents an approach to the song motivation at school that, according to the literature, has been considered one of the most relevant to the academic success of students. Currently schools have witnessed great disinterest in studies of learners, the school itself, and especially for learning. Within this context, this study has the general objective to identify the main reasons why students lose interest in physical education classes, seeking to identify alternatives to be used by the actors of the learning process in order to motivate them.

Keywords: Motivation, Learning, demotivation, motivational agents.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....08
1 REVISÃO DA LITERATURA
1.1 ASPECTOS CONCEITUAIS DE MOTIVAÇÃO.....09
1.1.1 TEORIA DA MOTIVAÇÃO DA APRENDIZEM.....14
2 EDUCAÇÃO FÍSICA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....16
2.1 AGENTES MOTIVADORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....17
2.2 DESMOTIVAÇÃO PARA EDUCAÇÃO FÍSICA.....18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....19
REFERÊNCIAS.....20

INTRODUÇÃO

No que diz respeito à aquisição de conhecimentos, existe entre os educadores, relativo consenso de que o principal problema de aprendizagem dos alunos nas aulas de educação física é a falta de interesse. Assim, esta pesquisa, faz uma abordagem do tema motivação no ambiente escolar que, segundo a revisão da literatura, tem sido considerado um dos mais relevantes problemas para o sucesso acadêmico dos alunos.

Atualmente, as escolas têm presenciado grande desinteresse dos educandos pelos estudos, pela própria escola e, sobretudo, pela aprendizagem. Dentro desse contexto, um aluno que por alguma razão, declara não gostar das aulas, certamente terá dificuldades para aprender, podendo inclusive adquirir um bloqueio mental em relação à aprendizagem. Consequentemente os resultados são os já observados diariamente no ambiente escolar: falta às aulas, deveres não realizados, conversas paralelas nas aulas, indisciplina, falta de concentração nas atividades; gerando um ciclo vicioso, notas baixas, infrequências e, mais desmotivação.

Segundo a literatura especializada, estudar a motivação, de forma geral, consiste na compreensão do comportamento humano, seu começo, foco, intensidade, desenvolvimento e término, abrangendo suas preferências, valorizações e decisões.

Nesse sentido, Neves (2004, p.1), considera a motivação como “uma fonte inspiradora para qualquer pessoa ir à busca de uma meta, o que nos impulsiona para lutar todos os dias pelos nossos sonhos”. De uma maneira mais abrangente, pode-se dizer que motivação é tudo aquilo que dá incentivo a uma pessoa a agir de determinada maneira, ou que dá origem à disposição a um comportamento específico. É estar envolvido em algo que proporciona prazer.

Em linhas gerais, a motivação dos indivíduos objetiva a satisfação de suas necessidades fisiológicas, de segurança, necessidades sociais, de estima e de auto-realização. A capacidade humana depende de sua motivação; no estudo, no trabalho, nos desejos, nas carências, nos amores, esforços, ódios e medos. Neves (2004) ressalta que é preciso a percepção de que além das diferenças individuais, existem variações em um mesmo indivíduo em razão do momento vivido e das circunstâncias.

Seguramente, existem alunos que não gostam mesmo das aulas, assim como existem aqueles que não gostam, mas praticam por uma questão de responsabilidade. Entretanto, existem os que realmente executam pelo prazer e satisfação de aprender, têm gosto pelo saber. Assim, fica claro que num ambiente de aprendizagem, os educandos movem-se ao ritmo de suas motivações e interesses.

Diante desse cenário, torna-se relevante pesquisar as causas e possíveis soluções para esse impasse. Assim, o objetivo desta pesquisa é situar a motivação como ferramenta capaz de contribuir para a melhoria da qualidade da aprendizagem nas aulas de educação física, com impactos diretos sobre o desempenho cognitivo e motor dos alunos e os resultados gerais das atividades pedagógicas.

Pesquisar esse tema torna-se relevante no sentido de que a motivação tem sido apontada como responsável pelo aumento do desempenho, a capacidade de buscar foco e perseguir metas e objetivos.

Os objetivos específicos consistem em identificar aspectos conceituais da motivação, análise das teorias cognitivistas da motivação, Identificar e conceituar a educação física.

Dentro desse contexto a pesquisa procura responder ao seguinte questionamento: Quais melhorias podem ser feitas para motivar os alunos e quais são os elementos motivadores e desmotivadores nas aulas de educação física?

Esta é uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. De acordo com Gil (1999), pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos, com vistas à formulação de problemas ou hipóteses pesquisáveis. Apresentam menor rigidez no planejamento.

Esta pesquisa pode ser classificada quanto aos meios, como de natureza descritiva que Malhotra (2001, p. 108), define como “Um tipo de pesquisa conclusiva que tem como principal objetivo a descrição de algo, normalmente características ou funções de determinado seguimento”. O autor argumenta que as pesquisas deste tipo têm como objetivo descrever características de determinado grupo (de pessoas ou coisas) ou fenômeno, busca também estabelecer relações entre variáveis.

A pesquisa está embasada em materiais de acesso ao público em geral, tais como livros, artigos, periódicos e redes eletrônicas.

1. REVISÃO DA LITERATURA

1.1 ASPECTOS CONCEITUAIS DE MOTIVAÇÃO

No âmbito escolar, a motivação vem sendo avaliada como um determinante crítico do nível e da qualidade da aprendizagem e do desempenho. Vários estudos sobre o tema demonstram que um estudante motivado mostra-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem, desprendendo esforços no sentido de utilizar estratégias adequadas, desenvolve novas habilidades de compreensão e de domínio; demonstra entusiasmo na execução das tarefas e orgulho em relação aos resultados positivos de seu desempenho, chegando a superar previsões baseadas em suas habilidades ou conhecimentos prévios.

Mas de onde provém a vontade de atuar e agir proativamente e com entusiasmo na execução de uma tarefa? Sabe-se que além da recompensa material inerente ao alcance dos objetivos, existem fatores e características que são próprios da condição humana.

De acordo com Deci e Ryan (2000 apud GUIMARÃES; BORUCHOVITCH 2005) a motivação intrínseca é a capacidade natural que impulsiona o indivíduo a realizar algo ou se interessar por alguma coisa, sendo considerada a base para o crescimento, integridade psicológica e coesão social. As autoras ressaltam, que a motivação intrínseca é um interesse natural que o indivíduo tem por novidades, desafios, na obtenção e exercício das próprias capacidades, ou seja, uma atividade é desenvolvida por sua própria causa, por ser empolgante, envolvente ou pelo prazer gerado na sua realização.

A maioria das escolas públicas no Distrito Federal vivencia o desinteresse dos alunos pelas aulas de educação física, assunto que tem despertado o interesse de pesquisadores, professores, psicólogos, filósofos e sociólogos no intuito de descobrir as causas e as razões desse comportamento, no entanto, quando se trata de educação e suas diversas variáveis é preciso ter em mente o velho chavão de que em educação não há receitas prontas.

Por mais semelhantes que sejam os problemas enfrentados, as comunidades são diferentes, bem como as suas peculiaridades, lembrando ainda

que cada aluno, professor, pai, são seres humanos únicos e um universo a ser explorado, cada qual com suas ideologias, concepções e histórias de vida. Porém, é possível obter orientações e explicações acerca da desmotivação e contribuir para o resgate do interesse de nossos estudantes.

Com a pesquisa das obras consultadas, chamaram a atenção, os trabalhos que se baseavam na teoria da autodeterminação.

Foram descobertos relatos principalmente em outros países, onde a utilização da teoria obteve resultados bastante significativos no sentido de diagnosticar e intervir nas variáveis motivacionais, proporcionando aos estudantes, um melhor desempenho. Outro aspecto que chamou a atenção foi o fato de a teoria da autodeterminação ter mais de 30 anos. Houve também interesse em pesquisar as obras de Rufini, Bzuneck e Oliveira (2012), por serem recentes, entre eles, dois trabalhos de pesquisa orientados por Rufini (2012) e Boruchovitch e Bzuneck (2001), por serem bastante específicos sobre os anos finais do ensino fundamental.

Segundo Marras (2007), os primeiros pensadores da humanidade, representados pelos filósofos, já demonstravam em suas obras, a preocupação em explicar e conhecer o comportamento do ser humano. Para o autor, a busca por essas explicações pode ser vista como os primeiros indícios de interesse pela motivação humana e suas formas de manifestação. No entanto, ainda ressalta que os primeiros estudos sobre motivação datam do início do século XX, quando em 1900, Frederick Taylor iniciou a discussão sobre motivação, adotando a crença de que o dinheiro era o maior motivador.

Nessa discussão, de acordo com Marras (2007), Taylor alegava que os indivíduos eram movidos a agir, com o intuito de obterem mais dinheiro, devendo, portanto serem controlados a fim de que o trabalho rendesse o máximo possível. Porém para o referido autor, cada um desenvolve "forças motivacionais distintas em momentos distintos e essas forças afetam diretamente a maneira de cada um encarar o trabalho, o estudo e suas próprias vidas" (MARRAS, 2007, p. 32).

Boruchovitch e Bzuneck (2001) enfocam nos aspectos cognitivistas, as motivações intrínseca e extrínseca, o uso de recompensas e as metas de realização como fatores preponderantes para o conhecimento sobre motivação. Abordam questões como organização da escola e da sala de aula como agentes motivadores. Ressaltam ainda, as questões da inteligência, da crença na auto

eficácia, a ansiedade e a satisfação escolar e o esforço, que segundo esses autores é o principal indicador de motivação, utilizado somente quando o aluno acredita na capacidade do êxito.

A “motivação não significa entusiasmo ou disposição elevada; significa apenas que todo comportamento sempre tem uma causa” (MAXIMIANO, 2000, p.299). Para o autor a motivação rege o comportamento que se move em razão de causas internas ao próprio indivíduo e de causas externas, que se originam no ambiente. A esse respeito Bergamini postula com propriedade que:

> A diversidade de interesses percebida entre os indivíduos permite aceitar, de forma razoavelmente clara, que as pessoas não fazem as mesmas coisas pelas mesmas razões. É dentro desta diversidade que se encontra a principal fonte de informações a respeito do comportamento motivacional, por mais paradoxal que isto possa parecer (BERGAMINI, 1982, p. 38).

Por se tratar de um objeto de estudo extremamente complexo e multifacetado, não se tem uma teoria amplamente aceita e que explique de forma satisfatória o tema motivação.

Estudos mais recentes consideram a importância da abordagem cognitiva, como a forma mais adequada de intervir no comportamento do aluno, uma vez que as atividades a serem observadas em relação à motivação nas aulas como atenção, concentração, processamento, raciocínio, etc., são de natureza cognitiva e, portanto devem ser analisadas dentro deste contexto.

O desejo, a vontade, o interesse por algo faz com que todas as pessoas se movam, ajam e reajam, ou seja, as atitudes são tomadas na busca do interesse próprio.

Rufini, Bzuneck e Oliveira (2012) relatam que, de acordo com Boruchovitch e Bzuneck (2001), existem muitas teorias utilizadas na compreensão da motivação, porém destacam no estudo contemporâneo a teoria das metas de realização e a teoria da autodeterminação.

De acordo com Deci, Vallerand, Pelletier e Ryan, (1991) apud Guimarães e Boruchovitch (2005), as descobertas sobre a motivação intrínseca e as formas autorreguladas de motivação extrínseca representam uma forma de promover excelentes resultados relacionadas ao interesse do aluno com as aulas e a escola. Desta forma, Guimarães e Boruchovitch (2005), revelam que nessa

procura da compreensão dos determinantes motivacionais bem como a busca de contextos promotores das formas autodeterminadas de motivação é que foi desenvolvida a Teoria da Autodeterminação.

A Teoria da Autodeterminação foi desenvolvida de acordo com Guimarães e Boruchovitch (2005), levando em consideração o indivíduo e suas motivações naturais presentes desde o nascimento e suas necessidades psicológicas com enfoque nas tendências evolutivas, consideradas como a base para a motivação e formação da personalidade e levando em consideração os contextos favoráveis à motivação, a vida social e ao bem-estar pessoal.

Neste contexto, destaca Guimarães (2005, p.5):

> Tendo a desmotivação e a motivação intrínseca como polos opostos do *continuum*, Deci e Ryan (1985) distinguiram quatro níveis de motivação extrínseca que variam em torno da percepção individual de autodeterminação: regulação externa, regulação introjetada, regulação identificada e regulação integrada. Quanto mais internalizada ou integrada for a regulação externa maiores serão os níveis de autodeterminação percebida, compartilhando os mesmos determinantes e indicadores da motivação intrínseca, ou seja, a flexibilidade cognitiva, o processamento profundo de informações e a criatividade. Em síntese, o *continuum* seria: desmotivação – motivação extrínseca (regulação externa, introjetada, identificada e integrada) – motivação intrínseca (GUIMARÃES, 2005, p.5).

Na regulação externa, o aluno realiza a atividade por consequências externas ao indivíduo e ao comportamento, sente forte pressão externa; na regulação introjetada, o aluno realiza por sentimento de dever, obrigação. Já na regulação identificada; o aluno entende que a atividade será importante para si, tem consciência das consequências externas.

A regulação integrada consiste na motivação para uma atividade, na qual o aluno vê como muito importante para sua realização pessoal e por isso a assimila sem nenhuma dificuldade. Ao estudar a Teoria da Autodeterminação constata-se que a melhor forma motivacional é a intrínseca, ou seja, aquela que tem origem no aluno, sem pressão, mas que ele realiza com autonomia.

O que se tem descoberto através de pesquisas baseadas nesta teoria é que se aumenta a desmotivação à medida que se aumenta a série. Neste sentido, como resultado de sua pesquisa Rufini, Bzuneck e Oliveira (2012) declaram que “a diminuição da motivação intrínseca, no decorrer dos anos da educação formal, é algo já evidenciado anteriormente por Lepper et al. (2005) e Ryan e Deci

(2000a, 2000b).” Já a motivação extrínseca cresce na mesma proporção da sequencia das séries escolares.

Bzuneck (2001 apud Sans, 2010) relata que as pesquisas demonstram diferenças motivacionais no avançar das séries escolares e ressalta, ainda, que as crianças na fase pré-escolar não possuem problemas de desmotivação, pois estão no período que querem conhecer tudo, na fase do “por que”, enquanto os alunos do sexto ano são os que apresentam problemas de adaptação devido às mudanças na quantidade de disciplinas e aumento de complexidade. Eles se entusiasmam em ir para escola não para estudar, mas para encontrar os colegas.

Outro fator de destaque nas pesquisas é a relação da desmotivação do aluno com o baixo desempenho escolar. Segundo Bzuneck (2001 apud Preto, 2009, p.8) “alunos desmotivados estudam pouco ou quase nada e, consequentemente, aprendem muito pouco”. E ainda, “podemos perceber, que a motivação está diretamente ligada à aprendizagem dos alunos, que por sua vez, determina a formação e a realização desses alunos” (Preto, 2009, p.8).

Os pesquisadores do assunto têm descoberto ainda que a motivação intrínseca é o tipo de motivação mais favorável, o termo está associado à autonomia do estudante ao desenvolver as atividades. Rufini, Bzuneck e Oliveira (2012, p. 54) relatam que várias pesquisa nesse campo, verificaram que motivação autônoma ocasiona melhoria na aprendizagem.

A motivação extrínseca está relacionada a pressões ou interesses sociais. “A falta de motivação representa uma falha de investir em si mesmo. Alunos desmotivados aprendem muito pouco, por isso a motivação tornou-se um tema muito importante na Educação” (SANS, 2010, p. 4).

Ainda de acordo com a Teoria da Autodeterminação, Deci e Ryan postulam que:

> Os seres humanos, desde seu nascimento, têm propensões inatas para a estimulação e a aprendizagem. No entanto, o ambiente pode fortalecer ou enfraquecer esta tendência na medida em que nutre ou frustra três tipos de necessidades psicológicas básicas: competência, autonomia e pertencer (DECI; RYAN, 1985 apud GUIMARÃES, 2005, p. 01).

Desta forma, o ser humano nasce com desejo, curiosidade, com vontade de aprender e é natural para o seu desenvolvimento. No entanto, o meio e as pessoas com as quais se relacionam, tais como a cultura, as experiências na família, os colegas de escola, professores, podem contribuir para aumentar ou

diminuir o desejo de aprender à medida que essas relações afetem positiva ou negativamente as necessidades psicológicas básicas de competência, autonomia e pertencimento.

Como exemplo, o aluno que não consegue realizar determinada tarefa e é excluído pelo grupo e/ou pelo professor, terá afetada sua necessidade de pertencimento e pode ficar desmotivado a aprender e terá sido afetado também na questão da competência. É preciso então, saber lidar com os erros dos nossos alunos e com as reações que os colegas têm quando um aluno erra em público, ou seja, nas aulas a frente dos colegas. Ressaltando a evidente e atual questão do *bullying* na escola.

Em outras palavras, à medida que são afetadas as necessidades psicológicas, seja positiva ou negativamente, através da convivência com as pessoas e o meio, pode manifestar-se a desmotivação (falta de vontade, desvalorização da atividade, impotência).

Os estudos desenvolvidos nos últimos anos, embasados nos pressupostos da teoria da autodeterminação, têm revelado que o investimento nas condições do ambiente escolar que satisfaçam as necessidades psicológicas básicas dos estudantes, por competência, autonomia e pertencimento, favorece a internalização e integração das regras e valores externos (RUFINI, BZUNECK e OLIVEIRA, 2012 p.59).

A literatura acerca da motivação aponta para a necessidade de que professores e pais estimulem os alunos, dando-lhes autonomia na realização de atividades. Um exemplo clássico de autonomia utilizado nas aulas de educação física é pedir aos alunos para realizarem um cesta no basquete, mas não dizer como, ou seja, eles devem ser orientados a pensar qual a melhor maneira de executar a tarefa, tendo a autonomia de como fazer.

Por autonomia, não quer dizer que o aluno só vai fazer alguma coisa quando tiver vontade. O desafio do professor hoje é provocar o interesse do aluno para que ele realize as atividades, pois, de alguma forma a vontade de realizar será nele despertada. Isso acontece muitas vezes, com atividades que geram desafio ou atividades que têm relação significativa para a vida do aluno. “Um dos grandes desafios da educação é auxiliar os estudantes a descobrirem o valor e o interesse pelos conteúdos escolares” (BROPHY, 1999; BZUNECK, 2010 apud RUFINI, BZUNEK; OLIVEIRA, 2012, P.59).

Evidencia-se hoje a necessidade dos educadores orientarem seus alunos no sentido de incentivar a crença nas suas capacidades e competências para aprender. Quando o aluno acredita que é capaz de realizar determinada atividade ele tem motivação para realizá-la, e após a realização da mesma com sucesso ficará ainda mais motivado. Sugere-se a elaboração de atividades desafiadoras, com conhecimentos atuais e sincronizadas com os interesses dos estudantes (RUFINI, BZUNECK e OLIVEIRA, 2012). Dito de outra forma, é importante que se contextualize o que está sendo ensinado.

O aluno, após a realização de uma atividade desafiadora e tendo atingido o objetivo por ter conseguido realizar a atividade, se sente motivado e com o sentimento de ser capaz (competência). Assim, o erro deve ser visto como incentivo ou estímulo à persistência para o alcance do objetivo, abstendo-se de pré-julgamentos e utilização de preconceitos, fatores de desmotivação para o aluno.

Segundo Ryan e Deci (2000a, 2000b apud RUFINI; BZUNECK e OLIVEIRA, 2012 p.59), “sentir-se competente para realizar determinada ação encoraja o aluno e facilita a internalização ou a identificação pessoal com aquelas condições externas que a regulam”. Ou seja, o aluno pode ter motivação interna quando se sente competente e pode também ser estimulado externamente de forma saudável, passando a valorizar a atividade, e mesmo diante da exigência feita pelo professor, ele concorda com a demanda externa e integra a realização da mesma à sua necessidade e vontade.

Em contrapartida, acerca da competência do aluno, o desempenho escolar e a desmotivação, pesquisas de Pezzini e Szymanski (s/d), demonstram que uma das piores experiências dos alunos na escola é a repetência.

Há necessidade de diálogo entre professores e alunos, e estes precisam se sentir respeitados, amados e perceber que o professor se interessa por sua aprendizagem, e que eles necessitam ser valorizados pelo grupo e pelo professor.

> Quando o aluno se percebe como uma pessoa digna de amor, respeito, atenção, cuidados e interesse sincero por parte de seus professores, o entusiasmo, a motivação, a alegria e o conforto serão as emoções prováveis, resultantes do envolvimento nas atividades de aprendizagem (RUFINI; BZUNECK; OLIVEIRA, 2012 p.59).

Um dos fatores estudados por Preto (2009) é a questão do pertencimento, quando os alunos pertencem a um grupo, a uma comunidade, se sentem mais seguros, e quando amados e respeitados são mais motivados intrinsecamente. As tarefas em grupo contribuem para o pertencimento. Descobriu-se através da sua pesquisa que os alunos que não se relacionam tendem a maiores dificuldades quando na vida adulta forem discordados e a ter uma única visão de mundo, pois não lhe foi proporcionada uma visão de mundo do ponto de vista do outro.

Enfim, entre tantos fatores que levam os alunos a perderem a motivação pela aprendizagem, pode-se destacar a falta de autonomia, falta de estratégias para melhor trabalhar a competência e falta de atividades mais participativas que aumentem o vínculo com o grupo escolar, aumentando o significado de pertencimento.

Seguramente, existem muitas dificuldades estruturais e organizacionais na escola que fogem à competência dos professores, pois dependem de decisões de instâncias superiores e políticas públicas para a melhoria do ambiente escolar. Dificuldades bastante conhecidas, como espaços físicos precários, salas lotadas, falta de espaço, acústica ruim, entre outros.

No entanto, é possível levar o aluno a perceber que apesar das dificuldades, a busca pelo conhecimento é algo inerente e necessário ao ser humano, e que ele deve ser o maior interessado nessa busca. Assim, faz-se necessário diante do quadro de desmotivação dos alunos, professores e coordenadores conhecerem melhor as variáveis motivacionais, facilitando assim, o diagnóstico e realização de intervenções substanciais.

1.1.1 Teorias da Motivação da Aprendizagem

De acordo com Bzuneck (2001), ainda não se tem notícia de uma teoria suficientemente ampla, que possa explicar satisfatoriamente o processo motivacional, uma vez que segundo o autor, a motivação constitui-se um objeto complexo e com muitas variáveis. Segundo o autor, estudos mais recentes levam em conta a importância da abordagem cognitiva; nesses estudos, a abordagem cognitiva é apontada como a melhor estratégia, no sentido de intervir adequadamente no comportamento do aluno, uma vez que as atividades como atenção, concentração, processamento, raciocínio, etc., que devem ser

observadas no âmbito da sala de aula, além de possuir natureza cognitiva, mantém íntima relação com a motivação.

Para Bergamini (1982), existe a possibilidade de se confundir satisfação com motivação, assim sendo é necessário conceituar a satisfação para que se perceba a diferença entre elas. Esse mesmo autor postula que a motivação nada mais é que um motivo definido como uma necessidade que atua sobre o intelecto, fazendo a pessoa agir.

Por exemplo, a sede é o fator motivador para a busca de água, já a satisfação é o atendimento da necessidade, ou seja, a própria água é o fator de satisfação, pois ela satisfaz à sede. Em razão dessa confusão é que se pode achar que a motivação tem origem no ambiente.

Para Bergamini (1982), a satisfação da necessidade não atendida gera um conflito que pode ser divido em três opções:

- Satisfação da necessidade – ocorre quando o ciclo se fecha plenamente independentemente do tempo que leve para acontecer;
- Frustração da necessidade – a partir do estado de tensão no organismo, o ciclo é bloqueado impedindo a satisfação;
- Compensação da necessidade – quando o ciclo é bloqueado, o impedimento da satisfação é compensado por um desvio em contato para aliviar a tensão.

Para Guimarães (2001), a motivação extrínseca está relacionada à motivação para responder a algo externo à tarefa ou atividade, em outras palavras, responder buscando, por exemplo, a obtenção de recompensas materiais ou sociais, o reconhecimento, o atendimento às pressões de outras pessoas, ou ainda para demonstrar competências e habilidades.

Segundo o mesmo autor, os determinantes da motivação em sua maioria são de natureza endógena, ou seja, está no interior das pessoas. Segundo ele a diversidade de interesses percebida entre os indivíduos promove a aceitação de que as pessoas não fazem as mesmas coisas pelos mesmos motivos. Sendo assim, apenas uma teoria não explica o comportamento motivacional.

Vários teóricos pesquisaram a motivação extrínseca, no entanto uma visão mais acurada do tema ficou por conta dos comportamentalistas, estudiosos que defendem a teoria de que qualquer comportamento pode ser modificado por meio das técnicas de condicionamento. De acordo com Coda (1905, apud Bergamini,

1982), os Behavioristas (corrente segundo a qual a psicologia tem por objeto o comportamento exterior do homem), defendem que, a motivação é sinônimo de condicionamento.

Para a concepção behaviorista existem dois conceitos centrais na compreensão do comportamento humano, O estímulo é o primeiro desses conceitos, entendido nesse caso como qualquer alteração decorrente de uma ou mais variáveis do meio ambiente. O segundo conceito refere-se a uma resposta tida como reação comportamental do indivíduo em relação aos estímulos inexistentes no meio ambiente.

Dentro desse contexto, o referencial behaviorista, revela que o homem pode não apresentar nenhuma resposta comportamental caso não tenha sido levado a isso através de uma variável exterior a ele. Dentro desse entendimento, todo comportamento humano, só pode ser aprendido levando-se em conta as noções de comportamento operante e respondente, isto é, a relação entre uma resposta e sua consequência e da resposta às condições ambientais em que ela foi emitida são muito importantes. Assim, Bergamini (1982), aponta dois importantes grupos teóricos:

- Teorias comportamentais: acreditam que a necessidade promotora da motivação está fora da pessoa, e nasce de fatores extrínsecos;
- Teorias cognitivistas: acreditam que os indivíduos possuem valores, opiniões e expectativas em relação ao mundo que os rodeia, gerando necessidades internamente conforme suas representações.

A revolução cognitiva ocorreu embasada pela psicologia cognitiva (ramo da psicologia que estuda processos mentais) e estuda a forma como as pessoas pensam, percebem, lembram e aprendem; seu foco central é sobre como as pessoas adquirem, processam e armazenam informações.

De acordo com o cognitivista George Miller apud Vaz (2011), o indivíduo funciona como processador da informação, registrando e agindo de acordo com ele. Assim, as primeiras contribuições cognitivas dão origem ao conceito de que as pessoas não reagem diretamente aos acontecimentos, mas sim à representação mental que fazem de tais acontecimentos, e isto se encontra regulado pelos princípios e parâmetros da aprendizagem, o que lançou os psicólogos na exploração dos mais diversos modelos cognitivos.

Até a década de 50, Winn e Snyder (apud COUTINHO, 2008) relatam que o behaviorismo foi a escola dominante da psicologia, com seu foco na relação estímulo-resposta, incidindo somente sobre os comportamentos observáveis, afirmando a impossibilidade de estudar os processos mentais. Diferentemente, os defensores das teorias cognitivas acreditavam que pela observação das respostas a diferentes estímulos poderiam inferir a natureza dos processos mentais que, operando sob os estímulos, contribuíam para que uma resposta fosse ou não “dada”, quando é dada e como é dada pelo sujeito que aprende.

2 EDUCAÇÃO FÍSICA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A Educação Física no Brasil, de acordo com Darido (2004) foi introduzida nas escolas, em virtude das reformas de Couto Ferraz em 1851 e a de 1882 realizada por Rui Barbosa. A primeira oficializou a introdução da disciplina, enquanto a segunda dispôs que a ginástica fosse obrigatória a ambos os sexos, sendo também oferecida para as Escolas Normais (magistério). No entanto, somente a partir da década de 1920 os estados da federação, por meio das reformas educacionais, a disciplina conquistou espaço sendo incluída nos currículos. Assim, a ginástica passou a ser denominada Educação Física.

No entanto, a introdução dessa disciplina, não se deu de forma pacífica, a Educação Física sofreu preconceitos. Sua trajetória histórica no Brasil sempre foi revestida de fatores que buscam avaliar sua legitimidade. A maneira de encarar a recém introduzida disciplina, somente se deu por meio da influência européia, que consequentemente, também mudou as formas de encarar a formação profissional.

Com os anos 1970, marcados pela ditadura militar, a política centrava-se na prática do desporto para a Educação Física, a qual se tornou padrão nesse período, ganhando importância em virtude das competições internacionais. A proposta era que os alunos tivessem desempenho atlético, enquanto à escola cabia incentivar a prática esportiva. O desporto como meio educativo foi privilegiado tanto dentro da escola como fora dela.

Os anos 1980 trouxeram novas idéias e apresentações diversificadas acerca da Educação Física. No campo escolar de acordo com Darido (2004), a

disciplina, além de sua identidade, vem exigindo realizações concretas de seus objetivos e teoria, bem como o seu papel na formação de cidadãos críticos.

2.1 AGENTES MOTIVADORES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física Escolar, de acordo com Lomônaco (2011) tem vivido mudanças significativas, além de inúmeras discussões e propostas de ressignificações no que se refere ao seu ensino. De acordo com o referido autor essa disciplina tem também vivenciado diferentes abordagens acerca do direcionamento do trabalho do professor na escola.

Na concepção de Lomônaco (2011), o ensino da educação física na maioria das vezes, baseia-se em perspectivas pedagógicas que realçam a prática buscando proporcionar prazer ao aluno, sem, no entanto, explicitar “o fazer” no sentido de proporcionar ao aluno informações; tais como o porquê de executar determinadas atividades. Neste contexto, o aluno se desmotiva, uma vez que vivencia uma prática descontextualizada.

Em seu livro, “Educação Física Escolar e Motivação: A Influência de um Programa de Ensino sobre a Prática de Atividades Físicas”, Lomônaco (2011) apresenta um estudo desenvolvido após vivenciar um programa de Educação Física para idosos, cujo objetivo era proporcionar conhecimentos para o auto cuidado, ensinando o porquê, o que, como e o quanto fazer de atividades físicas e motoras, a fim de ampliar as capacidades dos diferentes sistemas do corpo. Segundo o autor esse tipo de veiculação dos conteúdos se mostrou bastante eficaz quando aplicado nas aulas de educação física escolar.

Acerca da questão motivacional, Lomônaco (2011) argumenta que a educação física constitui o espaço escolar que possibilita ao aluno experimentar os movimentos, o que não apenas o torna capaz de conhecer seu corpo, como o conscientiza do porque praticar esses movimentos. Nesse contexto o autor alerta que não devem ser difundidas apenas modalidades esportivas, uma vez que a função precípua da educação física é proporcionar ao aluno um acúmulo de vivências corporais, que devem ser utilizadas dentro e fora da escola.

Ainda de acordo com Lomônaco (2011), a educação física deve fazer com que o aluno se aperceba das atividades de tal modo que suas ações se articulem,

no sentido de que o aluno entenda o que faz, porque faz e o que sente ao fazer tais atividades desenvolvendo maior interesse por sua prática. Para tanto, é preciso que o professor busque caminhos que não só motivem o aluno a aprender, como também o mantenha interessado no que está aprendendo.

Deste modo, o professor deve ensejar que o aluno descubra os motivos para praticar atividades físicas, e que desenvolva atitudes positivas em relação a essas atividades, propiciando a aprendizagem de comportamentos adequados.

A partir deste contexto, Lomônaco (2011) sugere que o professor conceda aos alunos o direito de opinar acerca dos conteúdos, indicando as atividades de maior interesse para eles, assim, o aluno se sente parte do que faz e consequentemente haveria maior estímulo para as aulas, que deixariam de lado o caráter obrigatório, e as atividades seriam praticadas por prazer.

Nessa perspectiva, a questão do prazer é enfatizada por Marante e Ferraz (2006), que apontam a desconsideração com o caráter lúdico do ensino, pois para muitos a ludicidade só cabe em turmas de educação infantil ou como prêmio no ensino fundamental, ou seja, para o ensino médio sequer será cogitada essa questão. Os autores defendem que em qualquer nível de ensino o caráter lúdico propicia vivenciar com maior eficácia qualquer aprendizagem, além de permitir o aprofundamento dos conhecimentos durante a atividade. Os autores também ressaltam que a elaboração das aulas deve contemplar conteúdos que não apenas desenvolvam a capacidade de aprender e criar, mas que também atendam as expectativas dos alunos.

Outro importante aspecto a ser levado em conta, diz respeito ao tempo atual, cuja evolução tecnológica proporciona uma multiplicidade de atrativos oferecidos pela mídia. Nesse contexto, a escola não consegue competir, o que é preciso nesse sentido é que o professor seja criativo buscando inserir atividades que façam frente a esses fatores que também contribuem com a desmotivação dos alunos.

2.2 DESMOTIVAÇÃO PARA EDUCAÇÃO FÍSICA

Para Lomônaco (2011) um dos fatores responsáveis pela desmotivação dos alunos são os conteúdos repetitivos a cada aula, ou seja, os esportes. Um dos motivos que levam os professores a trabalharem somente com o esporte como conteúdo das aulas de Educação Física tem origem no incentivo da mídia que sempre mostra jogos, campeonatos de voleibol, futebol e raramente promove a dança, a ginástica ou a luta (judô, capoeira...) em sua programação.

Enquanto Marante e Ferraz (2006) argumentam que na educação física escolar há um excessivo direcionamento das atividades ao aprimoramento de capacidades e habilidades físicas, desconsiderando os aspectos emocionais dos indivíduos que a praticam. Ainda nos dias de hoje verificamos na literatura que o componente motivacional nas aulas de Educação Física raramente é pesquisado ou tratado nos programas oferecidos nas escolas.

Para os autores cabe ao professor buscar conteúdos diversificados e motivadores para que os alunos se aproximem do universo da cultura corporal, e passem a valorizar não apenas os esportes, mas também os jogos, as danças, as lutas e a ginástica. Entretanto, não se está pontuando aqui que a motivação dependa exclusivamente da diversificação dos conteúdos, mas, certamente este é um aspecto importante a ser considerado neste processo.

Marante e Ferraz (2006) ressaltam alguns fatores desmotivadores, tais como precariedade do espaço físico, materiais inadequados ou inexistentes para uma prática eficiente, especialmente em redes públicas de ensino, metodologia pobre e conteúdos repetitivos voltados para o esporte, estes aspectos segundo os autores fazem com que os alunos não reconheçam a educação física como disciplina, e sim como uma atividade extraclasse.

Mattos e Neira (2000) corroboram o postulado de Marante e Ferraz, quando afirmam que muitos alunos além de reclamarem das aulas repetitivas, também não se sentem motivados para a prática de atividades físicas fora do ambiente escolar. Os autores sugerem que haja maior capacitação profissional, no sentido de contribuir para uma nova percepção da disciplina, por parte dos alunos e também por parte dos professores inclusive na questão da interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento. Os autores alertam sobre a importância de se realizar um trabalho pedagógico consistente e embasado por

uma fundamentação teórica que possibilite esclarecer a especificidade desta disciplina.

Outra questão levantada pelos autores diz respeito ao trabalho com turmas mistas. Em pesquisas realizadas pelos autores, constatou-se que os interesses pelas aulas de Educação Física são distintos, enquanto os meninos querem se divertir, aprender esportes e jogar futebol, as meninas demonstram maior interesse em aprender brincadeiras, o que para os autores está relacionado à dificuldade em trabalhar com turmas mistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, observa-se que o conteúdo voltado para os esportes nas aulas de educação física vem sendo a principal origem das dificuldades reclamadas pelos alunos. Principalmente, para os alunos que não se interessam pelos esportes ou não têm aptidão motora. Para estes alunos, seguramente a aula se torna bem menos atraente, fazendo como que muitos estudantes questionem sua obrigatoriedade.

Entende-se que satisfazer todas as necessidades dos alunos é algo humanamente impossível, mas, no momento em que o educador se dispõe a dinamizar o processo ensino-aprendizagem, é imprescindível lançar mão desse importante fator que é a motivação, a fim de lograr êxito e satisfação, tanto para si quanto para os estudantes.

Estando o professor motivado a desenvolver em seus alunos a capacidade de aprender, certamente os motivará na busca de novos conhecimentos, e estará criando condições mais favoráveis à aprendizagem. A motivação de alunos e mestres está de tal maneira interligada que se torna impossível tratar de uma sem abordar a outra.

Pode-se ir um pouco além e afirmar que a realização da aprendizagem, muito mais que mera recompensa, é essencial na construção de um processo continuado de motivação-aprendizado, no qual o aluno se motiva cada vez a aprender mais, argumentando-se que o docente tem que estar preparado para

perceber e saber como lidar com “o que falta” no grupo para o qual está ensinando.

Se não há como despertar neles a motivação natural para o aprendizado, subjacente em todos, que haja pelo menos o cuidado em não destruí-la; mas sim preservá-la. Ao levar em consideração a desmotivação como um efeito e não uma causa é preciso então procurar as causas para além do contexto psicológico do aluno, na interação entre o ser aluno e a cultura escolar.

Seguramente a questão da motivação em âmbito escolar, não foi aqui esgotada, a expectativa da pesquisa foi auxiliar pais, professores, alunos e coordenadores no sentido de melhor compreensão da realidade escolar dentro desse contexto, propiciando aos alunos o despertar do prazer e a importância de aprender; tomando por base a teoria da autodeterminação.

REFERÊNCIAS

BERGAMINI, C. W. **Psicologia aplicada à administração de empresas**: psicologia do comportamento organizacional. 3. ed. São Paulo, Atlas, 1982.

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (orgs.). **A motivação do aluno**: contribuições da psicologia contemporânea. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BZUNECK, J. A. **A motivação do aluno: aspectos introdutórios**. BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Orgs.). **A motivação do aluno**: contribuições da psicologia contemporânea. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

DARIDO, S.C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. v.18, n.1, p.61-80, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES**,** S. E. R. (UEL). O Estilo Motivacional de Professores: um estudo exploratório. **Anais eletrônicos**, ANPEd, 28., GT20 – Psicologia da educação, Caxambu, MG. Rio de Janeiro: ANPEd, 2005. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt20/gt201207int.rtf> Acesso em: 06/11/2012

GUIMARÃES, A. M. Escola: espaço de violência e indisciplina. **Revista eletrônica: nas Redes da Educação,** UNICAMP, 2001. Disponível em: <http://www.lite.fae.unicamp.br/rev>. Acesso em: 20 de jan. 2013.

GUIMARÃES, R., BORUCHVITCH, E. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação **Psicologia Reflexão Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722004000200002>.

LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. **Educação Física Escolar e Motivação**: A Influência de um Programa de Ensino sobre a Prática de Atividades Físicas. Editora CRV, São Paulo, 2011.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARANTE, W. O. ; FERRAZ, O. L. . Clima motivacional e educação física escolar: relações e implicações pedagógicas.. Motriz (Rio Claro), v. 12, p. 210-216, 2006.

MARRAS, J. P. **Administração de recursos humanos**: do operacional ao estratégico. 3. ed. São Paulo: Futura, 2007.

MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação Física na adolescência:** construindo o conhecimento na escola. São Paulo: Phorte Editora, 2000.

MAXIMIANO, A. C. A. **Teoria geral da administração**: da escola científica à competitividade na economia globalizada. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

NEVES, G. **Motivação**: **a alavanca do sucesso**. 2004. Disponível em: http://www.eupossoeuconsigo.weblogger.terra.com.br/. Acesso em: 12 jan. 2013.

OLIVEIRA, E.; ANDRADE, D. B.; MUSSIS, C. R. Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. **Revista diálogo educacional**, Curitiba, v. 4, n. 9, p. 11-27, 2003. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189118067002>.

OLIVEIRA J., W. L. Educação Pública Brasileira na Contemporaneidade: Paulo Freire e a Teoria da Ação Dialógica na Reinvenção Permanente da Democracia. 89 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

PRETO, P. S. **Motivação de estudantes no ensino fundamental**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009. Dados disponíveis em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/PATRICIA%20SELVATICI%20PRETO.pdf>. Acesso em: 29/10/2012.

RUFINI, S. E. BZUNECK, J. A. e OLIVEIRA, K. L. A qualidade da motivação em estudantes de ensino fundamental. **Paidéia**, Ribeirão Preto, SP, v. 22, n. 51, abr. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2012000100007&script=sci_arttext>. Acesso em: 18/10/ 2012.

SANS, M. A. **A motivação para aprender: um estudo sobre alunos do ensino fundamental.** Campinas, Unicamp FE, 2010. Disponível em <http//www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000796008> Acesso em: 18/10/2012.

VAZ, C. A. **Os 8 Ps do marketing digital : o seu guia estratégico de marketing digital.** São Paulo**:** Novatec Editora, 2011.